

## **NARRATIVAS DE SER JOVEM: TRAVESSIAS MÚLTIPLAS EM UMA ESCOLA PÚBLICA DO RIO DAS PEDRAS**

Vanessa de Andrade Lira dos Santos<sup>1</sup>

**Resumo:** Traremos para a seguinte reflexão algumas narrativas de jovens estudantes de uma escola estadual, localizada no Rio das Pedras, na zona oeste da cidade do Rio de Janeiro. Eles falam sobre si mesmos, sobre suas formas de ser e de ver o/no mundo e seus desafios enquanto jovens. A proposta que gerou as narrativas surgiu da seguinte indagação inicial: ‘O que é ser jovem para você?’. A questão foi elaborada e desdobrada em uma roda de conversa realizada em sala de aula, com uma turma de segundo ano do ensino médio, ao iniciarmos o ano letivo de 2017. Buscamos não formular hipóteses partindo de nossas conclusões pessoais sobre os sentidos das juventudes, mas considerar os pequenos acontecimentos expostos pelos próprios jovens, suas formas de pensar, de estar e de interagir com os outros e com seus pares.

**Palavras-chave:** juventude, narrativas juvenis, jovens e escola, escola pública.

### **Introdução**

A gente entra na escola e de longe escuta a falação. Passa pelos corredores e encara as conversas e gargalhadas acontecendo em cada canto, tudo rápido pra seguir logo em frente. E no meio disso tudo pensa no conteúdo que vai desenvolver em sala nos próximos minutos, e em como ele é ou não proporcional à essa vida que acontece nos corredores, e que também acontece nos encontros na sala de aula.

Talvez fosse mais ameno assumir o fosso que construímos entre eles, entre os conteúdos e os acontecimentos de todos os dias. Mas todos se desdobram no tempo, e esse tempo é precioso. Me volto pras conversas, mesmo com medo de me perder nelas, mesmo com meu ego apitando e apontando pras minhas “funções”. Porque algo próximo à intuição grita ainda mais alto: tem algo que reverbera nas falas desses jovens. Em seguida me vem a cruel constatação de que isso que reverbera pode ser muito mais relevante do que o que eu elenco e planejo antes de olhar pra eles.

Assim, traremos para a seguinte reflexão as falas dos jovens, suas falas sobre si mesmos, sobre suas formas de se ver no mundo e seus desafios de serem jovens. A

---

<sup>1</sup> Mestre em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas – FEBF/UERJ. Professora de Artes Visuais das redes FAETEC e SEDUC. E-mail: vanessalirartes@gmail.com

proposta que ocasionou nas narrativas surgiu na seguinte indagação inicial: O que é ser jovem pra você? A questão foi elaborada em uma roda de conversa realizada em sala, no início do ano letivo de 2017, em dois tempos de aula e sem a intensão de uma avaliação através de notas. A apresentação de registros, por parte dos alunos, não foi proposta como uma obrigatoriedade, e as imagens apresentadas foram selecionadas diante de um maior diálogo a respeito das mesmas. A mesma roda aconteceu em duas turmas de segunda série do ensino médio, e ao fim delas os alunos sintetizaram algumas ideias na escrita de pequenas narrativas. Outros resolveram apresentar suas ideias aproveitando escritos já produzidos anteriormente e de forma despretensiosa em seus cadernos e celulares. Cabe ressaltar que as análises a seguir partem de um recorte da atividade. Para resguardar os alunos, utilizaremos nomes fictícios para identificar suas falas.

### **Narrativas de ser jovem**

Sabemos que nosso olhar será sempre parcial para as experiências de ser jovem. Sabemos também que os jovens não tem necessariamente conhecimento sobre as categorias que partem da conceituação sobre o tema juventude. Como Pais nos aponta, “dos contextos vivenciais ou quotidianos dos indivíduos fazem parte crenças e representações sociais que os jovens encontram sem que diretamente tenham tomado parte na sua elaboração” (1990, p.164). O que produziremos aqui é um cruzamento entre suas falas e as ideias produzidas sobre o tema juventude, sem a pretensão de encontrar respostas definitivas sobre os sentidos de sua presença na atualidade.

Sem trilhar necessariamente um trajeto linear nem supor uma delimitação progressiva da temática, iniciaremos com uma fala de Karine. “Quando eu era bem pequenininha o meu sonho era ser adulta. Hoje que sou adolescente não tenho tanta pressa assim, eu até gosto desse meio termo, é um grande aprendizado para a nossa fase”.

A expressão “meio termo”, utilizada pela aluna para definir seu momento de vida, poderia ser comparada a um “vir a ser” (Dayrell, 2003), quando a juventude é vista na condição de transitoriedade, como uma etapa que serve para a futura “completude” que se alcança na fase adulta. A menina sonhava em ser adulta, em poder usufruir de tudo que as decisões dessa etapa permitem. Mas ao chegar na adolescência, na fase

inicial da juventude, provavelmente se deu conta de todas as implicações que a condição de adulto acarreta, tendo a experiência inicial das cobranças que sua etapa já começa a demandar.

Gostar de ser o “meio termo” pode também se aproximar da seguinte afirmação de Pais (2016, p.75) “Os jovens envolvem-se em trajetórias de transição para a chamada vida adulta (setas do tempo), mas deixam-se também embalar pelo tempo mágico do círculo”. A “seta do tempo” segue apontando para a mesma direção, não podemos arrancar dela essa natureza inicial. E é a partir das demandas advindas dessa seta que continua a apontar, que o posicionamento de agentes, de dentro e de fora da escola, seguem calculando e delimitando os referenciais dessa rota. No entanto, muitas outras variáveis somam-se a esta seta e nem sempre são incluídas nesse cálculo.

Mais uma vez Pais (2016, p.75) nos serve como referência: “Se o tempo segue as rotas de uma linha contínua (a flecha do tempo), basta medir a sua orientação para que conheçamos a sua trajetória. Mas o futuro dos jovens parece esgueirar-se da flecha do tempo.” O tempo segue inegavelmente e, cedo ou tarde, as novas necessidades de cada etapa cobram a sua cota, mas sua forma e intensidade modificam-se constantemente, e não existe mais nessa via acelerada o detentor de todas as fórmulas que desembocam no futuro.

Seguindo o fluxo de pensar no seu tempo, Ruan, define: “Ser jovem é colocar a cabeça no travesseiro e lembrar que não deveria ter enviado aquela mensagem, é sempre dar aquele ‘jeitinho’, afinal, como disse o grande Renato Russo, ‘temos nosso próprio tempo’”. Com seus 16 ou 17 anos, Ruan traz Renato Russo como referência, figura que faz parte de sua trajetória porque deixou um legado que ultrapassa gerações. São tempos que se cruzam para falar do agora, para tratar da juventude como espaço de experiências.

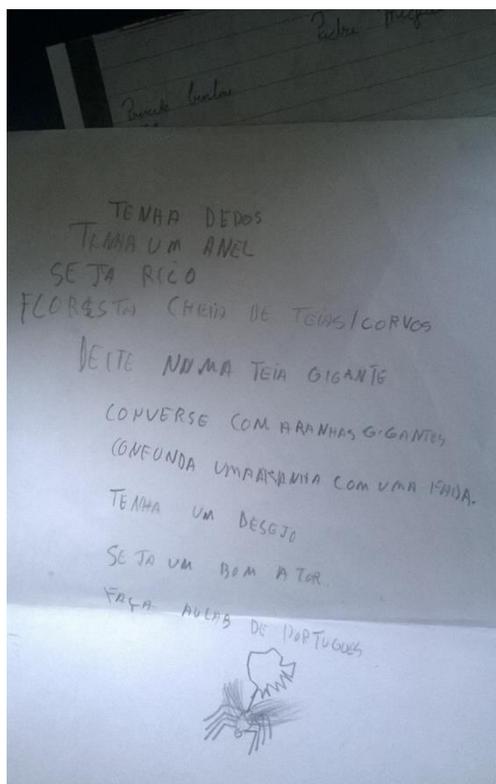
Pensando no conceito de moratória social, Groppo (2015) entende esse período como um “intervalo” que permite aos jovens vivenciar processos sem a responsabilidade de um adulto. Em contrapartida, foi por algum tempo utilizado como justificativa para não se aprofundar aspectos relevantes apresentados pelos próprios jovens. O aluno cala qualquer dúvida em relação a sua consciência de sujeito que vive e reconfigura sua presença no próprio viver, ao evidenciar o exame que faz de seus próprios atos. Cada ação e reação gera novas formas de reconduzir a própria vida.

Muitas vezes nós adultos consideramos as vivências juvenis como fluxos leves e isentos de questionamentos pessoais sobre suas próprias formas de ser no mundo. A partir da fala de Gilson, temos acesso a uma das tantas questões envolvidas das formas de se ver o jovem na atualidade:

Para ser aceito você precisa fazer, agir e se comportar do jeito que “todo mundo faz”, porque se não fizer você é excluído. Eu tenho consciência disso e é isso que me faz ser “zoadado” pelo fato de não fazer o que os outros fazem, mas não me importo e não concordo com certos padrões.

Não agir como os estereótipos produzidos pelas leituras de ser jovem implica muitas vezes em não estar apto a fazer parte da roda. Gilson aponta a “zooção” como forma de intimidação diante de posturas consideradas desencaixadas de algumas formas de se ver enquanto jovem. E a sensação que poderia o fazer parecer uma exceção, inclusive na concepção de sua própria fala, é quebrada pelo surgimento de outras tantas narrativas que descrevem essa mesma angústia de enquadramento. A seguir apresentamos uma imagem que evidencia essa perspectiva e a transcrição da mesma para facilitar a compreensão:

Figura 01. Registro de caderno de aluno



- Tenha dedos
- Tenha um anel
- Seja rico
- Floresta cheia de teias/corvos
- Deite numa teia gigante
- Converse com aranhas gigantes
- Confunda uma aranha com uma fada
- Tenha um desejo
- Seja um bom ator
- Faça aulas de português

O aluno que entregou a imagem, e que não quis identificá-la, disse se tratar inicialmente de um rascunho de roteiro para a produção de uma “fanfic”, uma narrativa ficcional que seria divulgada em blogs e plataformas disponíveis para esse fim. Narrou também que este escrito estava perdido em um de seus cadernos há muito tempo, e que ao conversarmos sobre os sentidos de ser jovem na roda de conversa ela veio imediatamente à sua lembrança. Folheou o caderno que trouxe neste dia e ele estava lá. O fez lembrar imediatamente de como interpreta sua forma de ser jovem no mundo, mesmo que não tenha sido produzido para esse fim. Argumentou que ali misturou suas vivências entre o mundo virtual de suas ficções e as realidades que o rodeiam, e que essa mistura costuma sempre lhe parecer formas de dizer o que fazer. Concluiu com a seguinte frase: “Nas minhas histórias eu posso ser muitos, posso até ser o que meu dinheiro não compra, posso ser o que eu queria ser e o que os outros queriam que eu fosse”.

Os jovens, através de suas formas múltiplas de expressão, nos apontam dúvidas e necessidades que extrapolam as formas fixas de interpretação que muitas vezes temos diante da realidade. O aluno João apresenta sua angústia: “Ser jovem é ser uma pilha de expectativas e nem sempre gostamos delas, eles nunca se importam com isso, não ligam se queremos ser ‘isso’ ou ‘aquilo’, eles querem que sejamos ‘padrão’”.

Por nem sempre se comunicarem utilizando as mesmas estratégias que nós utilizamos partindo de nossas certezas, existe uma tendência ao não entendimento, já que o mundo adulto tende a compreender gargalhadas sempre vinculadas a alegria ou ironia, agressividade sempre como raiva ou ataque pessoal, e dúvidas sempre vinculadas à falta de atenção ou provocação. O desafio é rever as ações juvenis e, conseqüentemente, nossas próprias ações diante deles.

Quando o aluno afirma que “eles querem que sejamos ‘padrão’”, apontando para os adultos presentes nas instâncias de poder que fazem parte de sua vida, indiretamente trata dessas formas mesmas que costumamos tratar seus questionamentos. Justificados pela etapa “bem resolvida” da vida tendemos a realizar leituras únicas dos apelos apresentados por estes jovens. Podemos considerar a dificuldade de comunicação como um fator agravante para as relações entre as gerações, na medida em que as falas e as ações podem vir emaranhadas em presenças que camuflam essas tantas ausências. Como nos aponta Pais (2016): “É bem possível que os jovens, ao interiorizarem esta

tenção entre experiência e espera, adotem também estratégias defensivas, procurando ampliar o espaço da experiência - o que é do cotidiano”.

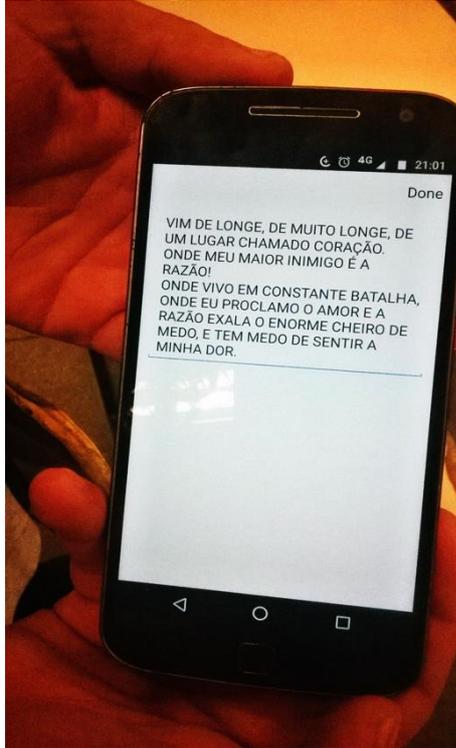
Em cada fala ouvida, lida e relida me deparo com um lado jovem nem sempre festivo e irreverente, me deparo também com suas pequenas solidões. Fabiana nos confidencia:

Na minha juventude foi tudo meio complicado. Assim que eu entrei na adolescência minha mãe foi embora de casa, foi o momento mais perturbado da minha vida. Hoje vou fazer 18 anos, mas tudo ainda está muito bagunçado.

A importância da referência familiar se repete em muitas falas dos jovens. Apesar de confrontarem-se com o desejo de liberdade, reconhecem os pais ou avós como figuras centrais em suas vidas. A narrativa demonstra a experiência da ausência carregada como um fardo, a “perturbação” intensifica uma demanda frustrada, e os olhos úmidos ao narrar tal fato confirma o lamento pela falta da mãe como referencial.

Um jovem apresenta sua imagem e afirma também ter as suas dores. É um aluno tido como um “do fundão”, quem ajuda a agitar a sala e se mostra, de um modo geral, alheio a muitas atividades de sala de aula e desinteressado pelas propostas delimitadas de escrita. Em uma das poucas vezes que o vimos sério em sala, longos segundos foram os que usou para mostrar a imagem. Eu não resisti e perguntei se o pequeno texto era seu. Disse que sim e o segurei para que eu o registrasse em meus arquivos. Sua fala e seu comportamento em sala era diferente da seriedade trazida pelo texto, e isso nos fez pensar em quantas vezes representamos os jovens através de seus atos, e em como realizamos leituras parciais uns dos outros.

Figura 02. Registro de celular de aluno.



Fonte: O autor, 2017.

Ainda que de forma irônica os jovens trazem os pais para suas falas, indiciando suas posturas e a dicotomia entre ser jovem dentro e fora de casa. Almir narra antes da roda virar espaço de risadas:

Os pais começam a falar no ouvido da gente: “vamos trabalhar, né?!, não sai dessa porcaria de celular”, “faz alguma coisa que preste!”. Tem vezes que dá vontade de responder, mas aí eu lembro: é eu respondendo e o cabo de vassoura nas minhas costas.

Depois das risadas surge a pergunta de uma colega na roda: “mas você apanha mesmo, é sério?”. Antes dela ser respondida alguns outros alunos afirmam se tratar de um hábito não tão incomum assim. Um deles comenta: “depois dos doze ninguém mais conseguiu me bater!”. Mesmo nos tempos atuais as práticas educativas tidas como “tradicionais” ainda são resgatadas e repetidas na vida de muitos jovens. Não discorreremos aqui de forma moralista, mas apenas apontamos para a confirmação de que formas de disciplinar consideradas adequadas para outras gerações seguem presentes na atualidade. Danilo avalia: “As cobranças que meus pais fazem pra mim eu não acho erradas, eu preciso ser cobrado por eles, mesmo sendo diferente da forma que eles foram cobrados na juventude deles”.

Danilo confirma a relevância de cobranças por parte dos pais e reconhece sua

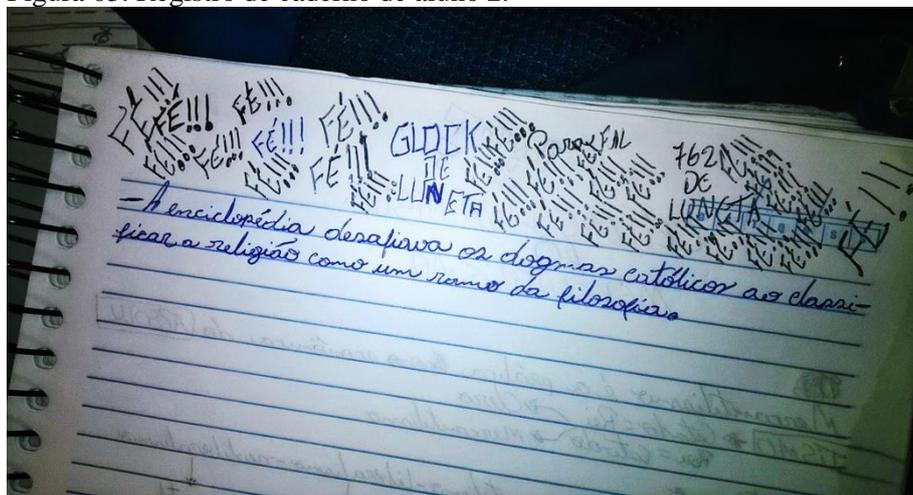
importância. Mas aponta para a necessidade de novas formas dessa relação acontecer, reconhecendo as diferenças de postura das gerações, que muitas vezes entram em conflito exatamente por conta dessas diferenças.

Trazendo pra roda as questões sociais e as formas pelas quais muitos jovens são encarados, partimos da fala de Alan:

Somos vistos como vagabundos, mal exemplo, etc... isso nas comunidades, né! Agora vamos fazer uma bela viagem aos encantados condomínios onde os jovens de lá são bom exemplo, são educados, são um amor de pessoa... resumindo: são ricos!

Ele acentua o olhar sintomático das questões sociais ao comparar o tratamento dos jovens de acordo com a classe social da qual fazem parte. Já não é apenas reunir os problemas sociais na representação de uma única etapa de vida, mais realocar esses problemas nas figuras dos jovens de classe popular. A sintomática dos embates reais é minimizada na figura desse jovem. Apesar de duro, é reconfortante constatar que os próprios jovens se dão conta de sua condição e questionam tal tratamento diferenciado. Bruna acrescenta: “um jovem, quando tem uma condição boa de vida e faz alguma coisa errada, não é tão julgado quanto um jovem que mora no morro”. Um aluno, após ouvir sua colocação indaga: “E porque eles encaram a gente desse jeito?”. Um terceiro argumenta que talvez se trate das suas formas de se expressar, as palavras, gírias e imagens que produzem talvez causem medo.

Figura 03. Registro de caderno de aluno 2.



Fonte: O autor, 2017.

As imagens advindas das experiências juvenis não se reduzem às suas visualidades, sabemos que o próprio discurso sobre a juventude imprime em nós imagens muitas vezes estereotipadas a respeito de suas ações. Mas as formas como esses jovens trabalham propriamente com as imagens, como representam o mundo a partir delas, revela parcialmente suas relações com as realidades que os circundam. O aluno preenche o canto superior do caderno com a palavra fé repetidamente, e no meio escreve nomes de armas frequentemente utilizadas pelas quadrinhas que atuam em muitas áreas partilhadas na cidade. Utilizar esse referencial não significa tê-lo como representação da postura dos jovens, mas serve de indício de um contato com discursos cotidianos de onde colhem esses elementos, mesmo que de forma inconsciente. O jovem Hugo resgata um acontecimento:

Já sofri abuso de autoridade por eu fazer grafite. Certo dia fui enquadrado por policiais e chamado de vários nomes e até agredido. Já fui proibido de entrar em uma loja de roupas porque, segundo a funcionária, eu não tinha dinheiro para comprar.

A juventude reconhecida historicamente como categoria com tendências ‘desviantes’, é reagrupada de acordo com o acesso aos recursos sociais ou como sujeitos das ausências. Enquanto nas classes mais abastadas os jovens ainda são compreendidos como indivíduos em processo de desenvolvimento, reconhecendo as características do conceito de moratória como justificativa para os supostos erros que cometem, os jovens das classes populares são encarados como sujeitos desviantes, que representam em suas imagens e ações um perigo social. Como nos esclarece Novaes:

Em resumo, podemos dizer que diferentes segmentos juvenis formam um complexo caleidoscópico no qual se entrelaçam indicadores sociais reveladores. Desigualdades que, retroalimentadas por determinados preconceitos e discriminações, produzem distintos graus de vulnerabilidade juvenil (NOVAES, 2007, p.2).

É inevitável considerar que as categorias de enquadramento e violência narradas por estes jovens se tornam parte do que são e de suas formas de ser e de ver a si mesmo e ao outro no mundo. Se o acolhimento e as regalias compõem modos de ser dos jovens mais abastados, por sua vez a comunicação e os relatos de desrespeito também fundam formas de encarar a realidade. Em muitas falas evidenciamos as formas muitas vezes turbulentas de circulação de nossos alunos, uma delas apresentada por Vinícius: “Uma vez, dentro de um ônibus, tinha um acento desocupado ao lado de uma senhora. Quando eu sentei ao lado dela, ela guardou o celular e segurou a bolsa de tanto medo, eu fiquei

chateado”.

Dois alunos reforçaram a narrativa do colega, afirmando já terem vivenciado situações bem parecidas. E o olhar de reconhecimento trocado entre eles é a manifestação de pertencimento a um mesmo lado desse jogo, o lado de quem é visto e representado pelo olhar de terceiros, de quem é identificado como pertencente ou não aos tantos espaços da cidade.

E no meio da roda, depois de tantos cenários relatados, atropelados entre tantas falas, um aluno brada: “Mas a nossa vida é muito mais do que tudo isso, professora! A gente se diverte no meio disso tudo!”. No seu texto, registrado na metade de uma folha de caderno, o mesmo aluno provoca: “O que é viver sem aprender? Ou melhor, o que é aprender sem viver?”. As duas coisas andam ligadas como o wifi e o meu celular”.

### **Considerações finais**

Inseridos na conjuntura múltipla e complexa da contemporaneidade, os jovens engendram formas de ser e de estar no cotidiano, visto que o movimento é externo e interno. Janaina representa como se sente na seguinte frase: “É querer sentir-se querido e desejado só para reavivar o sentimento da vida”. Márcia também se coloca: “Ser jovem é andar pela avenida da cidade como se fosse uma passarela, você é o astro e as outras pessoas fotógrafas querendo gravar cada movimento seu”. As experiências no mundo seguem uma lógica dupla no embate entre as emoções internas e as formas como essas vivências acontecem no exterior. Assim Melucci aponta:

Existe particularmente uma clara separação entre os tempos interiores (tempos que cada indivíduo vive sua experiência interna, afeições, emoções) e tempos exteriores marcados por ritmos diferentes e regulado pelas múltiplas esferas de pertencimento de cada indivíduo (MELLUCI, 2007, p.33).

Nunca teremos total acesso à intensidade de seus tempos interiores, já que sua manifestação é sempre parcial e recortada pelas incertezas dos tempos do mundo. As formas de ser jovem não se limitam as suas reações presenciadas entre os agenciamentos cotidianos, podemos apenas tatear suas experiências de mundo e supor formas de ampliar suas expectativas de viver e suas maneiras de reinventar os espaços que circulam. Como narra Tadeu: “Ser jovem é querer ser mais, é viver as emoções ao

extremo, é ficar triste e em segundos já estar feliz, é se apaixonar e achar que nunca irá se apaixonar da mesma forma outra vez”.

### **Referências:**

DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. Rev. Bras. Educ. [online], n.24, p.40-52, 2003.

GROPPO, L.A. Juventude: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas. Rio de Janeiro: Difel, 2000.

GROPPO, L. A. Teorias críticas da juventude: geração, moratória social e subculturas juvenis. Em Tese, Florianópolis, v. 12, n. 1, jan./jul., 2015.

MELUCCI, Alberto. Juventude, tempo e movimentos sociais: Juventude e Contemporaneidade. Brasília: UNESCO, MEC, ANPEd, 2007. (Coleção Educação para todos v.16).

NOVAES, Regina. Juventude e Sociedade: jogos de espelhos. Sentimentos, percepções e demandas por direitos e políticas públicas. Revista Sociologia Especial – Ciência e Vida, São Paulo, outubro de 2007.

PAIS, José Machado. A construção sociológica da juventude—alguns contributos, *Análise Social*, Lisboa, v. 25, n.105-106, p.139-165, 1990.

PAIS, José Machado. Buscas de si: expressividade e identidades juvenis. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de e EUGENIO, Fernanda (orgs.). *Culturas Jovens: novos mapas do afeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006, P. 7-21.

PAIS, José Machado. A juventude como fase de vida: dos ritos de passagem aos ritos de impasse. *Saúde Soc.* (online), 2009, vol. 18/n. 3, p.p. 371-381.